

# ENDIVIDAMENTO NOS DIAS ATUAIS: FATORES PSICOLÓGICOS IMPLICADOS NESTE PROCESSO

[2013]

**Simone Artifon**

Psicóloga pela Universidade de Passo Fundo (Brasil)

**Maristela Piva**

Professora Mestre Titular I do curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo (Brasil).

E-mail de contato:

[simoneartifon@hotmail.com](mailto:simoneartifon@hotmail.com)

---

## RESUMO

A proposta deste estudo foi investigar os impactos psíquicos relacionados ao endividamento nos indivíduos, buscando entender o que leva os mesmos a contraírem dívidas, e quais seriam os efeitos do endividamento no cotidiano destas pessoas e em seu bem-estar psicológico. Além disso, busca-se conhecer os conceitos da Psicologia Econômica e sua aplicabilidade no universo do trabalho do psicólogo. Portanto, tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Contou-se com a participação de seis sujeitos maiores de idade, sendo cinco do sexo feminino e um do sexo masculino, que contraíram dívidas significativas em relação aos seus ganhos financeiros. O instrumento para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, com perguntas abertas. A entrevista foi aplicada individualmente a cada um dos sujeitos, e os procedimentos relacionados à ética da pesquisa com seres humanos foram respeitados. Os dados levantados indicam que: os participantes contraíram dívidas através da facilidade do crédito, induzidos por acidentes pessoais e problemas de saúde, entre outros. O endividamento não é resultado de um fato isolado, contudo, a aquisição de novas dívidas, prioriza o consumo de itens supérfluos, o que evidencia a existência de fatores simbólicos no ensejo por comprar bens de consumo trazendo valor ao eu. Além disso, verificou-se que as dificuldades econômicas potencializam problemas de cunho emocional, interferindo significativamente em diversos aspectos da vida dos sujeitos. O descontrole financeiro e o endividamento não dependem diretamente da renda mensal do indivíduo, mas refletem os apelos exacerbados da sociedade de consumo, de modo a denotar que este comportamento financeiro não pode ser explicado por um viés de racionalidade, pois nele interferem aspectos psicológicos e culturais.



**Palavras-chave:** Endividamento, psicologia econômica, comportamento econômico, consumismo, sofrimento psíquico.

---

## 1. INTRODUÇÃO

A psicologia como área do conhecimento tem como foco de estudo a subjetividade humana, as relações dentre os sujeitos e o seu meio, buscando em última análise a promoção de bem-estar para as pessoas. Deste modo, esta pesquisa busca fazer uma interação entre as questões econômicas e as psicológicas. Afinal, pondera-se que a profissão do psicólogo é ainda um campo de trabalho em crescimento. Contudo, percebe-se a necessidade da inserção da psicologia em um contexto transdisciplinar como o da economia, e neste, fatores como o endividamento populacional fazem parte.

O interesse pelo tema Psicologia e Economia com enfoque no endividamento, decorreu de uma experiência, que a autora do presente trabalho vivenciou, quando realizou intercâmbio acadêmico em Portugal. Lá, deparou-se com a realidade de um país passando por uma significativa crise econômica. Naquele momento em Portugal, pode-se perceber o medo da população com a demissão, as dificuldades diante dos cortes nos vencimentos, a angústia de adultos de meia idade com a falta de emprego, assim como a falta de perspectivas dos graduados em se colocar no mercado de trabalho. Impossível não empatizar com a ansiedade dos portugueses, e refletir sobre as implicações psíquicas causadas pelas dificuldades financeiras e econômicas. As consequências sociais, o aumento dos quadros depressivos, dos suicídios, das perturbações ansiosas e o elevado nível de stress vivido pela população, causaram preocupação e inquietação, e motivaram a escolha por esta temática de estudo.

Quer-se, pois, compreender os efeitos psicológicos do endividamento sobre o psiquismo; observar o nível de ansiedade das pessoas endividadas, suas expectativas de futuro e como a dívida interfere em seus estilos de vida. Investigar estas questões, seja aqui no Brasil, ou em outros países, é de suma importância, já que estudos ao observarem determinadas realidades, também podem levar a possibilidades de transformação.

A psicologia tem um compromisso social, que tem sido referendado pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia), ao estimular que aproveitemos as competências desta ciência para que esta se torne instrumento de intervenção na práxis social, a qual deve ser, segundo Bock et al. (1999), intencional, planejada e feita com a utilização de conhecimentos específicos do campo da Ciência.



Sendo a realidade complexa, dar conta desta complexidade numa postura científica, é exatamente não perder de vista todas as dimensões que o tema abrange. Nesta perspectiva, acredita-se ser possível à psicologia contribuir na temática que envolve a economia, articulando estudos do comportamento humano que ajudem a ampliar fazeres e intervenções na realidade econômica.

A saúde mental do indivíduo está diretamente ligada às condições econômicas, materiais de vida, pois a miséria material caracterizada por fome, falta de habitação, desemprego, analfabetismo, altas taxas de mortalidade infantil torna-se, nessa visão, a condição que prejudica o desenvolvimento do indivíduo.

O psicólogo que trabalha para promover saúde, trabalha para que as pessoas desenvolvam uma compreensão cada vez maior de sua inserção nas relações sociais e de sua constituição histórica e social enquanto ser humano. Desta forma, ao querer estudar sobre os impactos psicológicos do endividamento, busca-se esta possibilidade de transversalizar psicologia e economia.

Atualmente somos bombardeados com notícias referentes à economia e que nos revelam uma situação assustadora que exige uma mudança dos comportamentos e valores da sociedade frente a tais questões. Todavia, os impactos psíquicos negativos são apenas algumas das consequências desta crise na relação homem e economia. Dentre as diversas questões percebidas envolvendo a relação homem e economia, a Psicologia também é convocada a direcionar esforços e contribuir com tais estudos, uma vez que é a ciência que tem como objeto de estudo o comportamento humano, vindo assim a contribuir e muito na atuação interdisciplinar, considerando que, a união de conhecimentos técnicos com os psicológicos pode fornecer uma atuação mais efetiva em projetos que objetivem a mudança no comportamento econômico.

De acordo com pesquisas realizadas recentemente, evidenciou-se que o número de pessoas endividadas tem crescido consideravelmente nos últimos tempos (TRINDADE, 2009). Diante deste aumento, percebe-se que há a necessidade de reforçar a importância de intervenções psicológicas, pois o impacto do endividamento pode desencadear sérios problemas como depressão, ansiedade, inclusive abalos na autoestima nestes indivíduos.

Pretende-se nesta investigação conhecer os impactos psíquicos que o endividamento pode causar às pessoas, bem como buscar aproximar a ciência psicológica das necessidades da população no que se refere às dificuldades relacionadas à economia. Afinal, será que o sujeito endividado sofre com o que tem para enfrentar? Como isto abala sua relação familiar, com os amigos, consigo mesmo, e até mesmo em seu ambiente de trabalho? Que visão ele faz do modo como foi contraindo e administrando sua vida econômica? Com o que os sujeitos se endividam? Enfim, conhecer este universo da vida econômica e como ela se desdobra no cotidiano dos investigados, será o foco deste trabalho.

Acredita-se, pois, que é importante que os psicólogos busquem a inserção nas atuações relacionadas com as questões econômicas já que, além de ser uma área bastante evidenciada e sedenta de ações, são muitas as contribuições a serem dadas por este profissional em equipes interessadas em desenvolver projetos voltados à economia. São muitos os desafios diante de um caminho novo a se construir. Somos, portanto, convocados a atuar e contribuir para a qualidade de vida desta e das futuras gerações.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 Estudos sobre psicologia econômica e comportamento econômico**

De acordo com a literatura pesquisada, percebe-se que estudos sobre o comportamento dos indivíduos em relação à economia e finanças tem aumentado consideravelmente, principalmente o comportamento frente às atitudes de comprar, vender, consumir, poupar e se endividar. Uma das correntes científicas que estuda esta temática é a Psicologia Econômica, a qual designa de uma expressão, evidentemente, da convergência sinérgica entre Psicologia e Economia (HOFMANN e PELAEZ, 2011).

Historicamente, a Psicologia Econômica tem seu início entre o final do século XIX e princípio do século XX, a partir de elaborações teóricas de vários economistas. Porém o aparecimento dessa ciência foi tardia devido à falta de ligação entre psicólogos e economistas. Os psicólogos não incluíam o comportamento econômico em suas investigações e aos economistas interessava o fator riqueza material em detrimento do fator humano (BARRACHO, 2001).

Hofmann e Pelaez (2011), afirmam que nas últimas duas décadas o interesse pela relação entre psicologia e economia aparece nos trabalhos de Peter E. Earl, Shira B. Lewin, Matthew Rabin e Daniel Kahneman, e no Brasil, em particular, os trabalhos de Vera Rita Ferreira apresentam a proposta de um modelo psicanalítico para as questões econômicas, bem como um riquíssimo resgate histórico da Psicologia Econômica.

Segundo Ferreira,

a Psicologia Econômica estuda o comportamento econômico dos indivíduos, dos grupos e das populações em geral. Num âmbito micro, ela vai examinar ações como poupar, comprar, investir, pagar impostos. Num âmbito macro, vai examinar aspectos como inflação, desemprego ou a vida financeira de populações de baixa renda. De forma resumida, podemos dizer que ela procura entender de que forma tomamos decisões econômicas. A partir disso é possível compreender, por exemplo, como as pessoas influenciam a economia e como a economia influencia as pessoas (FERREIRA, 2010).

Apesar de ainda hoje ser um campo relativamente incipiente, Hofmann e Pelaez (2011) consideram que a Psicologia Econômica é uma ciência consolidada com definições e métodos, a qual deveria ser dada uma ênfase maior para sua importância à interdisciplinaridade.



O fato de a temática da Psicologia Econômica ter surgido tardiamente causa questionamentos por parte de alguns autores. Freud, considerado pai da psicanálise, vê a importância da participação psicológica na análise das questões econômicas.

O fato inquestionável de que indivíduos, raças e nações diferentes se conduzem de forma diferente, sob as mesmas condições econômicas, por si só é bastante para mostrar que motivos econômicos não são os únicos fatores dominantes. É completamente incompreensível como os fatores psicológicos podem ser desprezados, ali onde o que está em questão são as reações dos seres humanos vivos; pois não só essas reações concorreram para o estabelecimento de condições econômicas, mas até mesmo sob o domínio dessas condições é que os homens conseguem por em execução seus impulsos instintuais – seu instinto de autopreservação, sua agressividade, sua necessidade de serem amados, sua tendência a obter prazer e evitar despazer. (FREUD, 1933/1976, apud FERREIRA, 2007a, p. 108).

Sobre a interdisciplinaridade entre Psicologia e Economia, Katona (1975, apud FERREIRA, 2008, p. 97-98) considera inviável uma economia sem psicologia e afirma não ser possível ter uma psicologia sem economia, ressaltando o quanto é útil a psicologia na explicação de alguns aspectos mais comuns do comportamento humano, os aspectos econômicos. O autor ainda ressalta a importância em descobrir e analisar as forças por trás de processos econômicos, responsáveis por ações, decisões e escolhas econômicas, sendo que os resultados desses processos são obtidos por meio do foco dado aos atores humanos e as análises psicológicas nas suas atitudes financeiras.

De acordo com Macfadien e Macfadien (1986, apud FERREIRA, 2008, p. 127-128), a Psicologia Econômica é definida por uma disciplina que analisa os mecanismos e processos subjacentes ao consumo e outros comportamentos econômicos, além de tratar sobre o impacto de fenômenos externos relativos ao comportamento e bem estar humano.

Van Raaij (1985) considera que a Psicologia Econômica pode ser conceitualizada tanto como o efeito da economia sobre os indivíduos, como o efeito agregado dos indivíduos sobre a economia, e pode ter como modelo um ciclo de influenciar e ser influenciado.

No que diz respeito ao comportamento econômico, este reflete comportamentos psíquicos, os quais não são necessariamente manifestos, porém é capaz de fazer movimentos, pois pensamentos e cognições podem estar combinados com o aspecto emocional que está sempre presente e responsável por ativar, deformar ou paralisar os primeiros (FERREIRA, 2007b).

Samara e Morsch (2005) comentam que o comportamento econômico sofre influências interpessoais, ao que se refere ao contexto sociocultural, e influências intrapessoais que são as variáveis pessoais e subjetivas do sujeito. Existem razões psicológicas e até neurológicas que



ajudam a explicar o aumento do endividamento da população. Para pesquisadores da psicologia econômica e da neuroeconomia, o endividamento está ligado especialmente à falta de autocontrole no consumo e à busca por uma compensação, um alívio para impulsos.

Ferreira (2008) salienta que o estudo do comportamento econômico dos sujeitos e dos grandes grupos, pode representar uma possibilidade de debater fenômenos psioeconômicos de modo a contribuir para políticas econômicas mais justas e apropriadas aos nossos problemas, como ao endividamento, foco de estudo deste trabalho, por exemplo. O que se pode notar, através dos conceitos apresentados, é que diversos ramos da ciência, além da teoria econômica e psicológica, tem ajudado no entendimento sobre o comportamento econômico. E tais descobertas, como as apresentadas nos últimos anos pela Psicologia e Economia, permitem a elaboração de ferramentas mais eficazes para o controle das questões referentes do endividamento, e também nos ajuda entender as causas e as consequências deste problema.

Neste contexto, a Psicologia Econômica vem contribuir com muitos de seus conceitos e, as intervenções voltadas para o desenvolvimento econômico e social, se tornam um campo urgente e emergente de atuação profissional do psicólogo em nossa sociedade.

## **2.2 Sociedade do consumo e endividamento**

Em uma economia globalizada onde o consumo tornou-se um ato natural e corrente na vida de todas as pessoas, o acesso irrestrito a todo o tipo de bens e serviços faz com que muitos indivíduos contraiam dívidas, comprometendo significativamente seus rendimentos.

Para entender o endividamento, é imprescindível compreender a linha de pensamento de Zygmunt Bauman sobre a sociedade contemporânea. As análises de Bauman (2010a) sobre o comportamento humano nas relações de consumo mostram que, na maioria das vezes as pessoas se transformam em uma raça de devedores, de modo a levar uma “vida a crédito” nas relações de consumo. O autor enfatiza a ideia de que o crédito é um vício que alimenta um sistema parasitário – o capitalismo – que só prejudica a saúde de quem depende dessa opção para consumir. O hospedeiro, que é o consumidor, não sai ileso dessa ação que, sem dúvidas, não prosperará, podendo até sucumbir, e é essa necessidade desmedida pelo consumo no mundo contemporâneo que leva à transformação do homem em uma nova raça, a raça de consumo/devedores.

Bauman (2010a) também menciona criticamente a condição de trabalhadores de distintos níveis sociais, que fracassam ao buscar atender o sistema capitalista, dominante, portanto, o incentivo ao consumo é aliciador, e acarreta danos devastadores para a classe dominada. O endividamento é a outra face do capitalismo, necessário para que a classe dominante obtenha lucro e crescimento econômico. Por conseguinte, o autor ainda manifesta a ideia de que a



sociedade é “treinada” a se endividar, e para manutenção desse sistema, o sofrimento humano daí decorrente é ignorado, observado na passagem de sua obra, quando afirma que,

o que ficou alegremente (e loucamente) esquecido nessa ocasião é que a natureza do sofrimento humano é determinada pelo modo de vida dos homens. As raízes da dor da qual nos lamentamos hoje, assim como as raízes de todos os males sociais, estão profundamente entranhadas no modo como nos ensinam a viver: em nosso hábito, cultivado com cuidado e agora já bastante arraigado, de correr para os empréstimos cada vez que temos um problema a resolver ou uma dificuldade a superar (BAUMAN, 2010<sup>a</sup>, p. 33/34).

Na perspectiva de Bauman (2010a), o capital não pode se desenvolver a não ser pela exploração, pois a transformação ocorreu através do trabalho mal remunerado para a especulação financeira. É a descoberta do endividamento como fonte de riqueza e de empoderamento. No momento em que esgota por completo a “terra virgem”, assim entendida como metáfora que significa aquele que não tem dívida e o torna um endividado, busca-se, assim outra terra viva para endividá-la. Essa sociedade capitalista e consumista, no entender de Bauman (2010a) não tem sustentabilidade, quando afirma que ainda não nos colocamos a pensar seriamente sobre o destino desta sociedade alimentada pelo consumo e pelo crédito.

Carpena e Cavallazzi (apud MARQUES; CAVALLAZZI, 2006), também afirmam que é preciso, sobretudo, compreender a cultura de consumo da sociedade contemporânea. Os consumidores desprovidos de informações, pressionados pelas urgências vinculadas à mídia, acabam abrindo mão de suas economias para apropriar-se de bens que trazem consigo prazeres emocionais e status sociais.

Em razão disto, Hennigen (2010) reforça que a posse destes bens está diretamente vinculada a aspectos simbólicos, que podem significar status e poder, pois se evidencia que cada vez mais as mercadorias passaram a ser concebidas não apenas como objetos que proporcionam a satisfação de necessidades e desejos, mas como meios que possibilitam identidade, pertencimento e reconhecimento social, fazendo com que o consumo passasse a ser considerado o motor e matriz das relações sociais.

Ao enfatizarmos a aquisição de objetos como uma via carregada de simbolismo, vale também referir as contribuições de Tolotti (2007a), a qual ressalta que pelo fato de nossas decisões racionais serem acompanhadas pelas motivações inconscientes, é esperado que no cenário de consumo ao qual estamos inseridos, não haja uma ressonância positiva. Segundo a autora,





é neste cenário que o consumo está inserido. É necessário, fundamental e prazeroso consumir. Por outro lado, o consumismo é prejudicial, dispensável e doloroso. O consumo é limitado, o consumismo desregrado. Enquanto o primeiro gera uma satisfação muito mais prolongada, o segundo estabelece rapidamente arrependimentos, angústias e, por muitas vezes, endividamentos. Na realidade o consumismo desenfreado parte de um endividamento afetivo. Por motivações afetivas, homens, mulheres e crianças buscam freneticamente a satisfação em algum objeto palpável. Isso tem levado milhões de pessoas em todo o mundo às lojas, com a expectativa de que o bem estar seja ali encontrado (TOLOTTI, 2007a, p. 3).

Nesta linha de pensamento, Fromm (1984) aponta que o consumo origina-se na sensação de vazio interior, desespero, confusão e temor, e compensa a ansiedade psicológica do indivíduo existencialmente impotente, incapaz de encontrar um nível de bem-estar duradouro no seu cotidiano, gerando assim sentimentos de fragilidade, frustração, fracasso e um escoamento psicológico para a sua inaptidão em obter a autorealização pessoal.

De acordo com Bauman (2010a) a busca pelo prazer, pela satisfação das necessidades imediatas, o desejo pelo consumo, é o alimento para que o parasita do capitalismo sobreviva e esta era de materialismo compulsivo em que a sociedade vive, faz contribuir significativamente para o endividamento social e individual. Pôde-se observar como a liquidez contemporânea e suas características permitem entender como a sociedade se coloca enquanto sociedade de consumo.

Nesta sociedade fluida, como refere Bauman (2010a), o consumo está aliado às possibilidades de prazer instantâneo, imediato, e não apenas a satisfação de necessidades básicas. Assim, consumir de forma abundante é uma prática associada à marca do sucesso e às possibilidades que se abrem.

Deste modo, o consumo e o endividamento fazem parte da cultura contemporânea, onde estão cada vez mais enraizados na civilização por meio da difusão cada vez maior de produtos no mercado e o enfoque constante da descartabilidade, influenciando constantemente nas relações sociais e na psique do indivíduo.

### **2.3 Endividamento: dinheiro, simbologia e aspectos psicológicos**

A carência de estudos sobre o dinheiro na literatura psicológica tem sido mencionada frequentemente, entretanto, pode-se encontrar formulações psicanalíticas sobre seus aspectos simbólicos inconscientes.

Tolotti (2007a) destaca que o significado universal do dinheiro é ele ser uma via de trocas e possibilidades, e no âmbito social confere um estilo de vida deliberado pela capacidade e oportunidade de alavancagem financeira. Porém, a autora ressalta que “a relação com o dinheiro





é absolutamente singular. A forma de gastar, investir e sentir o dinheiro está relacionada com os significados inconscientes de cada um” (p.3).

Capriles (2005) refere que os aspectos psicológicos ligados ao dinheiro, desempenham hoje, o papel que pertencia à sexualidade na psicologia de Freud no início do século XX, considerando que, atualmente há mais loucuras e doenças associadas ao dinheiro do que a sexo ou a qualquer outro conteúdo mental. Segundo o autor, o dinheiro desencadeia as paixões mais intensas e violentas: mal-entendidos, discussões entre amigos, conflitos conjugais, brigas em família, depressões, ansiedades, medos, ódios, bem como sofrimentos intermináveis que marcam a história pessoal em relação ao dinheiro. O tormento de não ter dinheiro, o desejo de ter mais, o medo do futuro, da pobreza, do fracasso; são algumas das imagens e fantasias associadas ao dinheiro.

Ao focarmos mais especificamente o viés psicológico, podemos atribuir a Freud as primeiras referências sobre a relação do ser humano com esse objeto capaz de agregar a algum bem de consumo um valor específico. Para Freud (1917/1996), existia no inconsciente de cada indivíduo uma equivalência simbólica entre o dinheiro e elementos como o pênis e as fezes. Freud insinuava que tais componentes tinham um papel de equivalência dentro do contexto psicosexual, principalmente na fase anal da criança. Para ele, era possível associar dinheiro com o pênis, representando ali o poder, e com os dejetos representando o controle, mais especificamente quando a criança, por volta dos dois anos de idade, começa a conquistar ao decidir quando usar o banheiro.

Baseando-se ainda na teoria freudiana, a relação com o dinheiro está ligada à fase anal, pois as fezes são o primeiro objeto de troca, a primeira coisa que a criança tem para negociar, onde o jeito que a criança negocia o afeto da mãe, retendo as fezes, por exemplo, influencia a forma que ela vai lidar com sua vida financeira no futuro. Porém, Forbes (1999), ressalta que o trato com o dinheiro não é um carimbo para determinar um tipo de personalidade, mas pode, sim, dar pistas de quadros psicológicos.

Considera-se importante destacar que a psicanálise sempre associou as questões ligadas ao dinheiro dos sujeitos à fase anal, pois o interesse pelo dinheiro aponta para um primitivo interesse pelas fezes, conforme explicam Belo e Marzagão (2006). Segundo eles, a relação entre o dinheiro e a sujeira sempre esteve presente nas antigas civilizações, nos mitos, nas formas arcaicas de pensamento, nas superstições, nos sonhos, no inconsciente e na neurose.

A relação entre o demasiado apego ao dinheiro e a defecação se afigura das mais extensas, onde o contraste que existe entre a substância mais preciosa e a mais desprezível levou a essa

identificação específica do ouro com as fezes. Entretanto, é a justa oposição entre a substância mais desprezível e a mais valiosa que “desvela” a representação, no inconsciente, do dinheiro pelo seu contrário, qualificando através da linguagem a relação dinheiro/sujeira (fezes) (Freud, 1908/1996).

Belo e Marzagão (2006), afirmam que o interesse pelo dinheiro e a extinção do interesse pelas fezes também indica este deslocamento de interesses, portanto, “equações” como estas, tornam-se úteis para compreender como certos traços de caráter podem estar associados à analidade. Por exemplo, no caráter anal, a ordem, a limpeza e a fidedignidade podem ser consideradas formações reativas contra um interesse pela imundície perturbadora que não deveria pertencer ao corpo; a obstinação que nasce de um apego narcísico ao erotismo anal, quando as fezes são retidas com o objetivo de satisfação auto-erótica, como meio de afirmar sua própria vontade e, por fim, a avareza, atitude narcísica de retenção/economia de uma forma exacerbada, mais claramente relacionada ao interesse pelo dinheiro, propriamente dito.

Além das questões da analidade, Biderman (2012) menciona que é mais fácil falar de sexo do que do próprio dinheiro, pois quando a pessoa fala de seu dinheiro, está expondo suas (in) competências e sua vida privada, sendo difícil abrir esses dados na “conta pessoal”. A autora expõe que as dificuldades para lidar com o dinheiro podem causar mais neuroses do que problemas sexuais, e sustenta que o jeito do indivíduo administrar sua vida financeira revela muito do seu inconsciente.

Complementando esta ideia, Meirelles (2012) considera o dinheiro como uma extensão do nosso Eu, pois a forma como usamos o dinheiro, denota a forma como cuidamos de nós mesmos.

## **2.4 Endividamento e implicações psíquicas**

Como já vimos, as mudanças experimentadas pela sociedade contemporânea modificaram a forma de interpretar o mundo e, conseqüentemente, o consumo. O modo de vida produzido pela pós-modernidade desvencilha-se de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedente. O contemporâneo passa a ser marcado pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das certezas. Diante desta fluidez da contemporaneidade, surge o tempo da indefinição, do medo e da insegurança, dentre outros sentimentos que se agravam nas situações de endividamento.

O endividamento pode ser consequência de diferentes fatores associados com o consumismo exagerado, políticas sociais de transferência de renda e políticas econômicas. Nessa



perspectiva é que muitos autores defendem a ideia de que há outros fatores que levam os indivíduos a se endividarem além dos aspectos econômicos.

Segundo Zerrenner (2007), o alto endividamento leva os indivíduos a comprometerem seu orçamento familiar e ainda provocam problemas de ordem psicológica, levando o sujeito endividado a tornar-se vulnerável a incidentes tais como: separação, desemprego, problemas de saúde, entre outros, e pode chegar a impossibilitá-lo de executar tarefas diárias.

O alto índice de endividamento pode ser reflexo de um consumo exacerbado e, diante disto, Muller (2010) afirma que os sujeitos contraem dívidas e acabam por comprometer uma parcela significativa de suas rendas, podendo chegar à inadimplência, não cumprindo com seus compromissos financeiros. Estes indivíduos trabalham para quitar suas dívidas, porém, tem habilidades precárias em lidar com o dinheiro, e não fazem um planejamento financeiro. Deste modo, muitos desses indivíduos conseguem retomar o equilíbrio de suas vidas, outros necessitam de ajuda e muitos terão que carregar consigo o estigma de eternos endividados, (FERREIRA, 2006).

De acordo com Tolotti (2007b) o endividamento tem um componente psicológico, onde a lógica desta problemática é formada por duas vertentes inseparáveis: o aspecto financeiro que é objetivo e consciente, e o aspecto afetivo, voltado para o subjetivo e inconsciente, portanto, os motivos que levam uma pessoa a contrair dívidas podem ser conscientes e inconscientes. Desta forma, a autora pressupõe que o endividamento não se refere apenas a uma questão de falta de educação financeira, mas por algum impedimento a nível psíquico.

Hennigen (2010) refere que as discussões relativas ao endividamento, quando realizadas com base na visão psicanalítica, fazem referência à cultura do narcisismo e do consumo para compreender o fenômeno, que é caracterizado como próprio da psicopatologia da sociedade atual. O endividamento demasiado pode ser uma das formas privilegiadas atualmente, que o polimorfismo sintomático pode assumir, mas apesar dessa consideração, o retorno às vivências particulares do sujeito não deixa de ser feito.

Portanto, uma possível explicação para o endividamento, dada por Stacechen e Bento (2008), é que, no desenvolvimento psíquico do endividado pode ter ocorrido à falta da representação de um objeto interno “suficientemente bom” (a mãe e, posteriormente, o pai), tendo ele assim que buscar um objeto externo para se tranquilizar quando diante de ocasiões de tensão interna ou externa. Desta forma, diante da falta da representação de um objeto interno “suficientemente bom”, cria-se um vazio, a provocar incomodo ao indivíduo, que então busca

preenchê-lo de qualquer forma, na tentativa de fugir, esquecer, negar suas questões mais difíceis e seu mais profundo vazio existencial.

Samara e Morsch (2005) salientam a importância potencial exercida pelo inconsciente no momento da aquisição de objetos simbólicos, porém estas pessoas não têm consciência dos conflitos subjacentes ou plena certeza de quais motivações internas são decisivas nestes momentos. Solomon (2002) refere que a perspectiva psicanalítica sugere que o ego pode basear-se no simbolismo dos produtos para promover um acordo entre as exigências do Id e as proibições do Superego, de forma a canalizar o desejo inaceitável em saídas aceitáveis, e como uma substituição, ao usar produtos que significam estes desejos subjacentes, ele estaria experimentando o fruto proibido.

Para Ferreira (2008), este comportamento está ligado à dinâmica psíquica das pessoas, movidas por impulsos que buscam alívio imediato, onde sempre se encontram numa situação de falta e nunca estarão plenamente satisfeitos, portanto, há a facilidade de cair na ilusão de que comprar determinados produtos os fará chegar a um estágio de satisfação total e de plenitude. Segundo a autora, as pessoas que ficam com dívidas em demasia, normalmente se deixam influenciar pelas circunstâncias externas, além de haver uma confluência de variáveis, bem como as sociais e psicológicas.

Além de terem uma forte influência de fatores psicológicos, Fonseca (2013) aponta que a dívida também traz efeitos sobre o equilíbrio mental das pessoas, que se veem presas a elas. A autora menciona a dificuldade de encontrar indivíduos felizes por terem dívida, e enfatiza que a dívida traz uma mensagem implícita, quase subliminar, de que o sujeito obteve insucesso em gerir suas finanças, sua vida, sua profissão, bem como o insucesso de não ter atingido os seus desejos de consumo, ou o que acreditava atingir propriamente.

Ao remeter ao sujeito-indivíduo a “responsabilidade” sobre o endividamento excessivo, deixa-se de lado e repelem-se à invisibilidade as múltiplas condições sociais, econômicas, políticas e culturais que se articulam na produção de tal fenômeno. Como a psicanálise e psiquiatria constituem importantes campos de saber/poder em nossa sociedade, não surpreende que suas posições tenham credibilidade e acabem prevalentes, contribuindo para orientar estudos, práticas e políticas e também para formar o senso comum (HENNIGEN, 2010).

Muller (2010) refere que o endividamento independe da classe social do sujeito e o consumo pode representar a busca de status social, considerado elevado na nossa cultura. O consumo passou a ser um modo de satisfação pessoal, prejudicando a necessidade de estabilidade econômica e social. A autora refere que a acumulação de riquezas e aquisição de bens materiais

vem se tornado símbolo de poder, prestígio e reconhecimento, além de ser um indicador valorizado do sucesso profissional e pessoal na sociedade de consumo.

Ferreira aponta que,

vivendo neste início de milênio, uma exuberante onda consumista, impulsionada por crédito fácil, de um lado, abundância de produtos, de outro, e, para completar, alguma complacência no que diz respeito à renegociação de dívidas em alguns casos [...], e a corrente aceitação social da inadimplência como uma espécie de *fato de vida*, o endividamento passa a ser visto por uma ótica bastante diferente na atualidade. Se antes causava vergonha e angústia à maioria das pessoas, hoje podemos encontrar até mesmo a situação oposta – pessoas que chegam a se vangloriar do alto volume de dívidas como um tipo de troféu: “Se devo tudo isso, não sou, sem sombra de dúvida, um joão-ninguém!”. Em outras palavras, vivemos hoje numa *cultura de endividamento* (2008, p. 242-243, grifo do autor).

Dada a ênfase nas consequências psíquicas do endividamento, é crucial acompanhar a tendência deste fenômeno e considera-se necessário proceder com análises da natureza e dimensão do mesmo. Com efeito, o endividamento põe em questão o equilíbrio do indivíduo ou dos seus agregados familiares, com importantes implicações sociais e psicológicas, como a marginalização e a exclusão, problemas psíquicos, alcoolismo, dissolução das famílias, perturbações da saúde física e mental das famílias, entre outros.

Essas análises ajudam a refletir sobre os diversos fatores psicológicos que envolvem o endividamento nos sujeitos. Segundo Hennigen e Ghelen (2010), conhecer as implicações subjetivas do endividamento, no seu engendramento é tarefa complexa e delicada, portanto, cabe, a luz dos conhecimentos acerca do processo de subjetivação, identificar os fatores desencadeantes do endividamento, não no sentido de “desresponsabilizar” os sujeitos, mas de realçar as condições do consumidor endividado, buscando quebrar o paradigma que coloca o consumidor como único responsável pelo endividamento excessivo.

### 3. MATERIAIS E MÉTODOS DA PESQUISA

A presente pesquisa tratou-se de um estudo qualitativo. A pesquisa qualitativa se caracteriza por ter um paradigma descritivo e interpretativo, sendo que o pesquisador visa compreender as ideias que as pessoas têm sobre as coisas. Triviños (1987, p.128) afirma que a pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva “e como descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produtos de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida”. A interpretação dos resultados é feita através da percepção de um fenômeno incluindo num contexto, o que dá a coerência, a lógica que consistência da pesquisa. O presente trabalho se caracterizou como estudo



exploratório por ser incipiente o conhecimento do assunto e por utilizar um número reduzido de pessoas na amostra, o que limita a capacidade de generalização dos estudos.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada (Anexo 3), com perguntas abertas, aplicada individualmente a cada um dos sujeitos. A entrevista buscou traçar um panorama dos impactos psicológicos do endividamento na vida dos sujeitos.

A entrevista é um processo dinâmico e criativo. Caracterizada como semiestruturada, a investigação segue um roteiro flexível e mais aberto, isto é, o entrevistador tem liberdade de formular as perguntas e organizar sua sequência. Dessa maneira, possibilita ser desenvolvida de acordo com os objetivos da pesquisa, assim utilizada, como fonte complementar de informações. Cada entrevistador, estrutura suas questões de pesquisa de forma a atender às necessidades específicas daquele momento (CUNHA, 1993).

De forma a aproximar-se dos possíveis voluntários para o estudo, que se encaixavam no perfil da pesquisa, a acadêmica coordenadora da pesquisa entrou em contato com possíveis participantes através do Balcão do Consumidor, que é um projeto de Extensão da Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo (UPF), e tem como foco trabalhar a mediação nas relações de consumo, além de criar projetos que promovem a educação financeira/econômica. Contatou-se com os coordenadores deste local, que autorizaram a acadêmica pesquisadora para acessar os sujeitos que buscavam este serviço por estarem endividados.

A pesquisa contou com seis entrevistados, sujeitos que tinham contraído dívidas significativas em relação ao seu orçamento. Em relação à idade e gênero, não se fez escolhas. O único critério para a participação é que os sujeitos fossem maiores de 18 anos, independentemente do sexo.

Antes de iniciar-se a coleta dos dados, o projeto de pesquisa foi encaminhado para apreciação pelo Comitê de Ética da UPF (através de formulário próprio da Plataforma Brasil). Depois da aprovação do projeto (vide Anexo 1), a acadêmica entrou em contato com os possíveis sujeitos. Estas pessoas foram então convidadas a participar da pesquisa de forma voluntária. O aceite destes sujeitos na participação da pesquisa ficou formalizado com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2). A entrevista foi realizada em apenas um encontro com cada sujeito, e a duração média deste encontro foi em torno de 30 minutos a 40 minutos. O período de realização das entrevistas foi de agosto a outubro de 2013. Na operacionalização dos encontros, pensou-se em agendar dia e hora previamente com os sujeitos que buscavam o Balcão do Consumidor. Porém, no desenrolar do trabalho, esta dinâmica não funcionou. Assim, a pesquisadora ficou de “plantão” em determinados turnos no Balcão do

Consumidor, e oferecia aos usuários deste serviço a possibilidade de participarem do estudo. Deste modo, muitos recusaram participar, mas de toda forma, conseguiu-se o número de sujeitos proposto para o estudo.

As entrevistas foram gravadas em mp3player, transcritas e posteriormente, degravadas para análise e posterior discussão. Após a degravação, os áudios foram deletados definitivamente.

A análise dos dados obtidos através da entrevista semiestruturada foi realizada de forma qualitativa, utilizando a metodologia de análise de conteúdo. As informações obtidas foram estudadas a fim de interpretar e levantar elementos significantes, que por sua vez foram elencados em categorias analíticas apresentadas e que serviram de subsídio para responder ao problema de pesquisa.

#### **4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Este capítulo apresenta os dados levantados através das entrevistas realizadas com os participantes. Procurou-se analisar as falas, relacionando as peculiaridades e similaridades entre os sujeitos pesquisados. Os dados analisados nas entrevistas gravadas foram primeiramente degravados e, posteriormente, elencados em cada uma das questões que faziam parte do roteiro da entrevista semiestruturada. O foco recaiu em observar os aspectos marcantes trazidos nos relatos, diferenças e/ou semelhanças entre as respostas dos entrevistados às questões propostas, buscando discutir e levantar algumas compreensões sobre os distintos fatores: familiares, sociais, profissionais e pessoais, e a relação destes na questão do endividamento dos sujeitos.

Decidiu-se fazer o processo de análise e discussão dos dados no mesmo capítulo, de forma a integrar os dados levantados à literatura consultada e possibilitar visibilidade à compreensão dinâmica diante do universo de respostas trazidas pelos participantes. Serão apresentadas, na sequência, as respostas encontradas às questões da entrevista semiestruturada. Analisou-se cada uma das questões, quando se identificaram algumas falas que deram o “tom” das respostas e, em seguida propôs-se uma discussão dos achados.

Contextualizando os relatos obtidos, julga-se necessário apresentar algumas considerações sobre os participantes da pesquisa. Tal descrição serve como recorte, uma análise parcial em relação às entrevistas realizadas. No total foram entrevistados seis sujeitos, dos quais cinco são mulheres e um homem, todos em situação de endividamento e maiores de idade, conforme o critério adotado para a inclusão na pesquisa. A tabela na página seguinte permite visualizar os dados de identificação dos participantes (Tabela 1).





Tabela 1: Dados de identificação dos participantes

Participante	Idade	Sexo	Estado civil	Escolaridade	Profissão	Prole	Renda salários
E1	43 anos	Feminino	Casada	Ensino Médio	Monitora de entidade assistencial	1	R\$ 1.500,00
E2	31 anos	Feminino	Solteira	Ensino Fund. Incompleto	Auxiliar de limpeza	5	R\$ 600,00
E3	33 anos	Feminino	Divorciada	Ensino Médio	Auxiliar de produção	3	R\$ 900,00
E4	39 anos	Feminino	Solteira	Ensino Médio	Técnico Enfermagem	2	R\$ 1.800,00
E5	23 anos	Masculino	Solteiro	Ensino Sup. Incompleto	Estudante	0	R\$ 5.000,00
E6	36 anos	Feminino	União Estável	Ensino Médio	Auxiliar Recursos Humanos	2	R\$ 1.300,00

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode observar na Tabela 1, a maioria dos entrevistados é do sexo feminino, encontrando-se na faixa etária entre 23 e 43 anos, solteiros, com ensino médio completo, porém um entrevistado possui formação profissional técnica e o outro, no momento, cursa o ensino superior. Os sujeitos vêm de diferentes estruturas familiares, com rendimentos profissões diferenciadas. Possuem de 0 a 5 filhos e os salários variam de R\$ 600,00 a R\$ 5.000,00 mensais. Cada um dos entrevistados recebeu um número de identificação que ficou associado à respectiva ordem de realização das entrevistas. As falas preservam a linguagem utilizada pelos participantes e representam o seu relato livre, a partir das questões colocadas pelo entrevistador.

De acordo com a primeira questão da entrevista “**O que te levou a procurar o Balcão do Consumidor?**”, três pessoas buscaram o Balcão do Consumidor na tentativa de renegociação e parcelamento de dívida feitas no cartão de crédito. Dois sujeitos dirigiram-se ao Balcão do Consumidor para renegociação com banco, referente a um empréstimo que haviam realizado, e uma pessoa buscou ajuda no serviço para regularizar as restrições ao seu nome no Serasa, devido à uma dívida com agência de telefonia.

Vislumbra-se, como motivo principal, abarcando a maioria dos casos dos entrevistados, que estes sujeitos contraíram dívidas através do cartão de crédito, seguido por empréstimos bancários. Esses dados corroboram com os resultados encontrados em pesquisas realizadas pela *Confederação Nacional do Comércio – CNC* (2013), que apontam o cartão de crédito como um dos principais tipos de dívidas das famílias brasileiras endividadas, seguido por carnês, financiamento de carros, crédito pessoal, cheque especial e financiamento de casa.



Parece que as famílias brasileiras com renda mais baixa tem no uso do cartão de crédito uma facilidade para o consumo, facilidade esta que com o passar do tempo redonda em problemas financeiros.

Tanto as pesquisas realizadas pelo CNC, quanto o presente estudo, mostram que os consumidores não são educados para efetuar um planejamento econômico e, por isso, não avaliam os riscos dos negócios e das compras que realizam. Estes dados ainda poderão ser relacionados no decorrer deste texto, na sexta questão, que abordará a educação financeira familiar que os indivíduos estudados receberam.

É importante considerar as contribuições de Bauman (2010b) sobre a realidade do uso de crédito. Segundo ele, ingressar nessa situação ficou mais fácil do que nunca na história da humanidade, ao passo que sair da mesma nunca foi tão difícil. A “crise do crédito” não foi resultado do fracasso dos bancos, e sim, um resultado completamente previsível, e o fruto de seu notável sucesso foi transformar a maioria dos sujeitos em um exército de devedores eternos; na realidade, os bancos não querem que seus devedores quitem os empréstimos, pois se eles devolvem pontualmente o dinheiro, já não estarão endividados, e é a dívida a fonte principal do lucro ininterrupto. Portanto, no que concerne aos provedores de crédito, um “devedor ideal” é que aquele que nunca paga completamente o crédito. O autor ressalta que, “como poucas drogas, viver a crédito cria dependência talvez mais ainda que qualquer outra droga e sem dúvida mais que os tranquilizantes à venda” (BAUMAN, 2010b, p. 34).

Na segunda questão, abordou-se o tempo em que estes sujeitos estão com dívidas, através da pergunta **“Estas dificuldades com as contas começaram há quanto tempo?”**. Os sujeitos E1 e E5 estão com dívidas há dois anos; os sujeitos E3 e E4 passam por dificuldades financeiras mais significativas há sete meses. Os sujeitos que referem estar com dívidas há mais tempo, são o E2 e o E6, com quatro e cinco anos, respectivamente. Nesta amostra, há indivíduos com dívidas ativas e passivas.

Por endividamento ativo entendem-se os casos em que o devedor contribui manifestamente para a impossibilidade de cumprimento, seja por intenção deliberada de não cumprir, seja por deficiente planejamento financeiro ou negligência, ou seja, os devedores ativos são os que gastam além dos seus recursos e geralmente são mais preocupados com o status, e por conta disso perdem o controle e contraem constantemente novas dívidas. São indivíduos que estão constantemente endividados, independente de sua renda financeira ou familiar. Esta realidade não se confunde com a do endividamento passivo, na qual a impossibilidade de pagamento das dívidas decorre de um imprevisto ou “acidente de vida” como o desemprego, a doença ou o



divórcio. Apesar disso, se estes sujeitos tiverem chances, conseguem recuperar-se do endividamento rapidamente (FARIA, 2006 apud LORENSI et al, 2011).

Ficou evidente que os sujeitos E3, E4 e E6 possuem perfil de devedores ativos, pois as suas dívidas são renovadas frequentemente e os sujeitos E1, E2 e E5 caracterizam-se como devedores passivos, que explicitam terem ficado endividados devido à intercorrências financeiras situacionais. Os dados denotam o quanto estas dívidas, de fato, devem atrapalhar a vida destes sujeitos, que se encontram por anos a fio a lidar com o problema e “a patinar” em uma solução. Tanto devedores ativos como passivos, os dois são igualmente comuns no que concerne às dificuldades que vivenciam, e por isso necessitam de apoio psicológico para equilibrar a sua vida econômica e evitar desordens de cunho psíquico.

Na terceira questão procurou-se investigar a origem do endividamento destes sujeitos, a partir da pergunta **“Com o quê, e como isto começou?”**. De acordo com as respostas obtidas, três sujeitos disseram que suas dívidas se desencadearam após terem passado por situações de acidentes consigo próprias ou com algum familiar. Vale citar as falas:

*“Eu tive um acidente, que foi o que começou. Meu marido trabalhava por conta, daí ficou um tempo sem trabalhar, porque nós tivemos danos né, e daí pra conserto e pra saúde essas coisas nós gastamos muito e daí nós ficamos só com o meu ganho né... Então foi bem difícil para contornar a situação.” (E1)*

*“Aí eu sofri um acidente e não tive como conseguir pagá essa dívida. Daí tenho meus filho, 5 filho mais acidente! [...] Depois que eu sofri os acidente começo os problema, eu não conseguia mais trabalha, e tinha dívida pra pagá né [...].” (E2)*

*“Tem os meus dois filhos mais velhos que se acidentaram, um caiu de uma árvore e perdeu a visão do olho esquerdo, então a gente precisou ficar uma semana no hospital e a gente gastou o que a gente não tinha, né. O outro menino também caiu da bicicleta e acabou fraturando um osso do rosto, e então a gente também ficou duas semanas no hospital, então a gente gastou o que a gente não tinha, e isso foi se tornando uma bola de neve. Quanto mais tu se afunda em contas, mais contas tu tem pra pagar.” (E3)*

Apesar destes sujeitos referirem que os acidentes foram os motivos do surgimento das dívidas, percebeu-se durante as entrevistas, que há também a interferência de outros fatores relacionados à dívida. Nota-se na fala do sujeito E2, que o endividamento não foi provocado estritamente por acidentes ou por fatores econômicos deficitários, mas também, causado por fatores psicológicos, em particular por um estado depressivo, como pode-se perceber na fala a seguir:

*“[...] bem antes de eu ter sofrido acidente, eu já tinha vários outros problemas com depressão [...]. No primeiro (acidente) fiquei com mais depressão. Fiquei 20 dias na UTI, daí aconteceram várias coisas né, eu não podia trabalhar, tive que ir numa psicóloga por ter depressão, não conseguia mais ficar sozinha, não conseguia mais atravessar a rua sozinha, nada... Só acompanhada.” (E2)*

Ramos (2011) destaca que, assim como as condições econômicas podem interferir na probabilidade do desenvolvimento de sintomas depressivos, a depressão também pode ser desencadeante de dificuldades financeiras. Vê-se impossível definir o que causa o quê. Fato é que problemas econômicos potencializam problemas emocionais, e vice-versa. Urge pensarmos medidas conjuntas para tais dilemas.

Contudo, outro sujeito comentou que contraiu dívidas por conta da aquisição de automóvel através de financiamento bancário, e outros dois fizeram dívidas através de empréstimos bancário, como fica explícito na fala dos sujeitos E5 e E6:

*“Bem... a minha dívida começou quando eu resolvi pedir um empréstimo para uma pessoa física, que era um conhecido meu e de meu pai, e que inclusive é cliente do nosso escritório. Então pedi esse empréstimo para esta pessoa para fazer operações na bolsa. Como eu estava em um momento bom, de ganhos razoáveis acabei pedindo um empréstimo... Só que a falta de conhecimento sobre a os métodos de segurança da Bovespa, me fez perder tudo que eu tinha, o dinheiro do empréstimo mais o dinheiro que eu já tinha.” (E5)*

*“Começou com o empréstimo no banco. A primeira dívida foi uma bola de neve que foi rolando, rolando até hoje. A primeira dívida foi quando eu comecei a trabalhar, e para suprir algumas necessidades eu acabei pegando um empréstimo no banco. Quando eu tava quase terminando, eu peguei outro empréstimo. E nisso daí eu fui pagando, pagando e fui me endividando com o cartão e acabei bloqueando o cartão de crédito. Depois fui para pagar aluguel e essas coisas assim, tive que pegar outro empréstimo. Na verdade as minhas dívidas é assim, eu tô sempre pagando, tô sempre tentando terminar...” (E6)*

Rassier (2010) assinala que os empréstimos bancários são disponibilizados na conta corrente do cliente para que este consolide suas dívidas ou para a aquisição de bens ou serviços, mas se não houver uma administração adequada deste benefício, causará uma inadimplência com a instituição que irá reaver através de juros e, conseqüentemente, ocasionará o crescimento do endividamento pessoal, como se evidenciou nos casos dos sujeitos estudados. Tal situação parece ficar expressa na fala do sujeito E6. Todavia o sujeito E5 declara que era um “apostador da bolsa”.

A bolsa de valores é uma companhia que administra mercados organizados de títulos, valores mobiliários e contratos derivativos, atuando, principalmente, como contraparte central garantidora da liquidação financeira das operações realizadas em seus ambientes (BOLSA DE VALORES DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2013).

No depoimento do sujeito E5 fica estampada a ilusão de negócio fácil no mercado de ações. Neste mercado o conhecimento técnico é essencial, porém não é o único requisito para o sucesso; os aspectos psicológicos, que na maioria das vezes são ignorados pelos investidores, são muito importantes para a obtenção de lucros constantes ao longo do tempo, afinal as oscilações



do mercado aumentam os riscos e as pessoas que não estão preparadas para lidar com isto, muitas vezes acabam agravando a situação por questões psicológicas (FONTES, 2013).

Na quarta pergunta, ao serem questionados: **“O que tu achas que mais favorece/contribui para o teu endividamento?”**, o sujeito E1 refere que, em consequência da ausência do salário do marido devido ao seu afastamento do trabalho, a insuficiência de dinheiro contribuiu significativamente nas dívidas, como fica explícito na fala:

*“[...] nós contava com o dinheiro do meu marido todas as semanas, todos os meses né...”* (E1).

Em relação aos sujeitos E2 e E5, estes referem que a falta de conhecimentos e ilusão no ato da compra e em aplicações na bolsa de valores, respectivamente, levou-os ao endividamento. Ainda, o sujeito E5 aponta que o desejo de querer ter acesso ao dinheiro de forma rápida para conquistar sua independência também contribuiu para contrair dívidas.

O sujeito E3 refere que a facilidade para adquirir coisas e conseqüentemente endividar-se, bem como o acesso fácil a créditos e empréstimos pessoais são fatores que contribuem significativamente nas dívidas, como se observa no depoimento:

*“A facilidade que a gente tem de adquirir dívidas né (risos). [...] então é a facilidade que tu tem de ir num banco e pegar o dinheiro que tu precisa, na hora que tu precisa né.”* (E3)

Também para o sujeito E6, a facilidade de utilizar o cartão de crédito é algo que contribui para as suas dívidas, além da falta de controle financeiro.

Observa-se, pois, como bem relata Lorensi et al (2011), que um dos principais fatores da ocorrência do endividamento pessoal é o crédito fácil, bem como financiamentos, empréstimos e cartões de crédito, pois devido à falta de dinheiro no ato da compra as pessoas recorrem a essas “facilidades” para satisfazer suas necessidades. Atualmente, as pessoas têm demonstrado cada vez mais cedo interesses capitalistas e consumismo irrefreado, o que faz com que os jovens com pouca experiência e conhecimento técnico sobre finanças, aceitem qualquer tipo de proposta que lhes proporcione sensação de liberdade econômica e a almejada independência emocional, (RIOS e SOUZA, 2010), como já observamos no depoimento do sujeito E5.

Muitas pessoas acreditam que o único problema que possuem é a falta de dinheiro, porém, sabe-se que grande parte das pessoas que ganham prêmios imensos voltam a estar nas mesmas condições financeiras e muitas vezes tão endividadas quanto eram anteriormente ou em graus maiores. Assim, o sujeito E1, coloca no baixo salário a culpa por seu endividamento, porém se não houver controle e planejamento, o aumento do salário pode significar aumento de dívidas

(BARCIOTTE, 2013). Tais dados reforçam a necessidade de um planeamento financeiro para não cair em armadilhas como, por exemplo, os créditos pessoais, que muitas vezes, acabam por conduzir o indivíduo a um círculo vicioso de dívidas e empréstimos.

Da mesma forma como o baixo salário é visto por alguns sujeitos como o culpado pelo endividamento, a falta de controle dos familiares ou de um familiar em específica é também responsabilizada pelo endividamento familiar, como no caso do sujeito E4. Neste sentido, através da racionalização, estes sujeitos “camuflam” sua responsabilidade, de modo a evidenciar a dificuldade que as pessoas têm em assumir as suas próprias dívidas, inclusive a dificuldade em lidar com o dinheiro. Ramos (2012) explica que geralmente estas pessoas estão rodeadas de dívidas contraídas não para aquisição de património, mas para a compra de produtos que lhe dão proporcionam satisfação imediata, que tende a passar rapidamente.

Dando seguimento aos dados coletados, na quinta questão da entrevista, buscou-se investigar **“O que tu achas que contribuiu para ires levando tua vida econômica deste modo?”**. Os dados obtidos nesta resposta se assemelham com os achados da questão anterior. Porém destacaram-se os casos dos sujeitos E2 e E3, que além de se deixarem influenciar, referem iludir-se facilmente no aspecto econômico, conforme se percebe nas falas:

*“[...] bah, as pessoas chegam, mostram te iludem, conversam... ah, porque é baratinho... R\$ 35,00 por mês... não vai gastar nada! Mas quando vê, teu nome tá lá encima endividado, quem aconteceu pra mim.” (E2)*

*“Eu acho que me influencio rápido com as facilidades, sabe.” (E3)*

Neste sentido, Kiyosaki e Lechter (2000) apontam que as pessoas são tentadas constantemente por inúmeras ofertas e facilidades de crédito, que vendem a falsa ilusão de que o mais importante para a contratação de um empréstimo é possuir parcelas que “cabem no bolso”, e por trás destas artimanhas se escondem juros elevadíssimos que acabam por comprometer boa parte da renda do trabalhador com o pagamento desses juros. Tais dados podem ser entendidos também como falta de controle financeiro, fator também relatado pelo sujeito E4 e E6.

Bauman (2004) aborda a questão do comprar, consumir e gastar, e considera que, aos poucos, o indivíduo passa a entrar numa espiral em que ao consumir, é consumido; ao gastar, se gasta e se desgasta, entretanto, o desejo permanece para sempre insatisfeito, pois a relação do sujeito com o objeto é transitória e escorrega facilmente, por isso ele está sempre a buscar impulsiva e ilusoriamente novos objetos que lhe proporcionem plena satisfação, e fica a deslocar o desejo de um objeto para outro.

Muitas vezes, quando o indivíduo não consegue terminar com a falta, a sua vida torna-se sem sentido, ele se isola, angustia-se e mergulha no tédio e no vazio, e os problemas emocionais vividos tentam ser compensados novamente com objetos obsoletos (LIPOVSKY, 1989).

A pergunta levantada na sexta questão foi **“Como foi tua educação financeira em casa, com tua família?”**.

Observou-se que, quatro entrevistados relatam não terem tido uma educação financeira familiar adequada, e dois sujeitos disseram ter tido controles financeiros na família desde a infância. Diante de tais situações, percebe-se que a maior parte dos sujeitos não recebeu orientações sobre questões econômicas, o que pode, de alguma forma, contribuir para o envolvimento em dívidas e desorganização na vida financeira.

Diante destes fatos, Prado (2012) considera que a educação financeira seria uma solução adequada para problemas com dívidas, pois quando as pessoas se educam financeiramente, provavelmente há mudanças de comportamento que trazem ao sujeito mais segurança na utilização dos recursos financeiros, além de propiciar decisões com mais consciência sobre o que fazer e como fazer com o dinheiro.

Zerrenner (2007) caracteriza a educação financeira como uma preparação dos indivíduos para lidarem com as finanças de forma mais adequada, pois é através do conhecimento dos instrumentos para a tomada de decisões e do reconhecimento das razões que levam às dívidas, que a educação financeira pode ajudar no processo anterior ao endividamento ou até mesmo no processo em andamento, quando os indivíduos podem escolher formas de viver mais baratas e um controle maior de suas despesas.

A sétima questão da entrevista buscou investigar sobre as influências da dívida na relação familiar, a partir da pergunta: **“E este problema com as dívidas tem refletido na tua relação familiar?”**.

A partir do que se pode observar nas entrevistas, a maioria dos sujeitos relata que as dificuldades financeiras exercem influências significativas na relação familiar. O sujeito E1 refere que as suas dívidas não tem refletido na relação familiar, porém no decorrer da entrevista declara que em alguns períodos se chateia e admite fazer cobranças ao marido, conforme a fala que segue:

*“Eu às vezes sou mais de cobrar meu marido, porque eu queria que ele ganhasse mais pra gente pagar logo, ou queria arrumar outro serviço para conseguir ganhar um pouco mais [...]” (E1)*



Entretanto, o sujeito E2 afirma que as dívidas têm abalado a sua vida familiar, pois se depara com as necessidades dos cinco filhos, e diante disso, sente-se incomodada por não ter condições de dar a eles o que desejam. As entrevistadas E3 e E6 enfatizam que se sentem estressadas, irritadas por darem satisfações financeiras aos seus maridos, além de dependerem deles financeiramente. Então, as dificuldades orçamentárias geram conflitos e brigas entre o casal.

*“E agora eu tô dependendo do meu marido pra pagar minhas contas, daí é mais complicado né, ter que contar com o dinheiro de outra pessoa, então já gera mais briga, então eu me estresso mais e mais!” (E3)*

*“Quando eu tava com meu ex-companheiro ainda, ele ficava perguntando e questionando a todo momento que valor era esse, que empréstimo... [...], e me irrita um pouco a pessoa querer controlar o meu dinheiro, sendo que eu não peço para ele suprir nenhuma conta minha né, eu faço, eu pago, eu me viro, eu me endivido, mas sou eu que pago. E isso também é um pouco estressante.” (E6)*

O sujeito E4 menciona que se irrita frequentemente quando sua mãe faz compras de forma impulsiva, pois se obriga a assumir as dívidas, e assim, não possui dinheiro suficiente para comprar o que necessita para si própria e para seus filhos. Ainda, este sujeito declara que já teve um quadro depressivo, e que a questão financeira é um dos fatores desencadeantes de estresse.

Com base na entrevista do sujeito E5, a sua relação familiar, principalmente com o pai, mudou significativamente devido à grande perda de dinheiro na bolsa de valores. Por este fato, pode-se perceber implicitamente que a perda do montante de dinheiro representou para este sujeito, perder seu valor aos olhos dos pais.

*“[...] a relação familiar mudou muito... Com a minha mãe até que não, ela sempre me deu força, mas com meu pai ele passou a me rejeitar, brigar mais comigo, largar indiretas de que eu tinha perdido bastante dinheiro... foi muito ruim passar por isso! [...] Foi ruim me sentir rejeitado, desvalorizado, [...] me sentia um inútil, fiquei como se eu fosse um inválido, uma pessoa sem qualidades, tipo sem serventia mesmo. Que eu só fazia coisa errada.” (E5)*

Diante do exposto, nota-se que as dívidas alteram significativamente as relações entre os membros da família, pois estas geram tensões, brigas e desafetos, e a energia antes disponível para a troca emocional saudável e bem-estar da família se canaliza apenas na busca de saídas e soluções (BASTOS, 2011).

Meirelles (2012) aponta que cada família tem seus próprios valores em relação ao uso do dinheiro, vários deles transmitidos de geração a geração, porém, com o incentivo ao consumo, que atualmente tornou-se um ato que proporciona status social, muitas pessoas passaram a gastar mais e além de suas possibilidades, gerando problemas como endividamento e até a

inadimplência, que poderão impactar na família de várias maneiras, gerando conflitos. Além do mais, o sujeito experimenta esta sensação de decepcionar pessoas queridas, o que abala sua autoestima, e também acelera com que queira resolver o problema para retomar estes relacionamentos. Todavia, esta pressa, por vezes pode ser uma armadilha para contrair mais dívidas. Estas questões reforçam a necessidade de se pensar em trabalhos de apoio com os sujeitos endividados, e em determinadas situações, até estender este tipo de trabalho para a família.

Na tentativa de objetivar a visualização de alguns dados já explanados, apresenta-se a seguir uma segunda tabela (Tabela 2), onde selecionamos algumas categorias de resposta, de modo a irmos inter-relacionando as compreensões.

Tabela 2: Breve panorama sobre os fatores do endividamento

Participante	O que te levou ao Balcão do Consumidor	Período da dívida	Como iniciaram as dívidas	Problemática das dívidas e reflexo na vida familiar	Recebeu Educação Financeira
E1	Renegociação e parcelamento de dívidas feitas no cartão de crédito	2 anos	Acidente de carro	Chateia-se com as dívidas e faz cobranças ao marido	Sim
E2	Regularizar restrições ao seu nome no Serasa	4 anos	Foi atropelada e sentia-se deprimida	Incomoda-se por não ter condições de dar aos filhos o que eles desejam	Não
E3	Renegociação e parcelamento de dívidas feitas no cartão de crédito	7 meses	Acidente dos dois filhos (crianças)	Estressa-se por ter que depender do marido, gerando conflitos entre o casal	Não
E4	Renegociação com banco referente a um empréstimo	7 meses	Aquisição de automóvel	Irrita-se e fica brava com a mãe que compra tudo e não tem controle dos gastos	Não
E5	Renegociação com banco referente a um empréstimo	2 anos	Empréstimo bancário para quitar outras dívidas	Sente-se rejeitado e desvalorizado pelo pai, devido à perda do dinheiro	Sim
E6	Renegociação e parcelamento de dívidas feitas no cartão de crédito	5 anos	Empréstimo bancário para quitar outras dívidas	Irrita-se quando o ex-marido exige satisfações financeiras	Não

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se observar na Tabela 2, que a maioria dos sujeitos busca ajuda no Balcão do Consumidor para resolver problemas relativos às dívidas contraídas através de empréstimos e do uso do cartão de crédito. Estes parecem ser os fatores que mais contribuíram na aquisição das dívidas da maioria dos entrevistados. Embora boa parte justifique que suas dívidas começaram com problemas de saúde e acidentes, no desenrolar das entrevistas observamos que os problemas



de saúde somaram-se a um hábito já frequente em muitos participantes, de comprarem no cotidiano para além do que podiam pagar. Percebe-se também que as dívidas se estendem por diversos anos, o que denota um modo de consumo exacerbado dos sujeitos. Entretanto, chama a atenção que a maioria dos sujeitos não recebeu educação financeira, fator que é relevante, e talvez revele que a educação financeira ainda é um hábito pouco comum nos modelos familiares propensos ao endividamento. Obviamente isto não é conclusivo, mas antes uma hipótese para um novo estudo nesta temática.

Buscou-se também saber, na oitava pergunta, a influência das dívidas na relação com os amigos ou no ambiente de trabalho. Levantou-se a questão: **“E isto tem trazido reflexo na relação com os amigos ou no ambiente de trabalho?”**.

De acordo com os resultados obtidos, viu-se que três dos seis sujeitos estudados relataram que procuram não expor sua vida econômica para amigos e colegas de trabalho. Entretanto, estes dados podem apontar que, se existe receio dos amigos e colegas de trabalho vir a terem conhecimento da situação econômica, é porque poderia haver interferências nestas relações, caso o soubessem. Os sujeitos E1 e E3 ressaltam que preferem não envolver outras pessoas em seus problemas de ordem financeira, conforme relato:

*“[...] o problema é financeiro, é meu e nem colega, nem amigo nem ninguém precisa saber [...].” (E1)*

*“Acho mais fácil me esconder, como se eu fosse me esconder do mundo, fico lá num canto, como eu já tenho problemas eu gosto de ficar lá no meu canto.” (E3)*

Com relação ao sujeito E5, a desmotivação e o medo de gastar ainda mais dinheiro fez com que ele se afastasse do seu círculo social. Em contrapartida, os sujeitos E2, E4 e E6, salientam que os amigos e colegas têm contribuído no sentido de trocarem informações e ajudarem a encontrar soluções para amenizar os problemas ou evitar que novos apareçam.

Segundo Hennigen (2010), as pessoas podem sentir culpa e vergonha em relação aos filhos e à família, o que faz com que, muitas vezes tentem ao máximo evitar revelar a eles a sua situação financeira, considerando que, eventualmente, podem envolver-se num maior endividamento, como por exemplo, conservando hábitos, na tentativa de manter as aparências. Esta dificuldade de assumir o endividamento também acontece em relação aos amigos, parentes e nas relações profissionais, o que não raro leva ao afastamento do convívio social, como se pode observar nos relatos dos sujeitos entrevistados. Massaro (2013) explica que muitas pessoas que



possuem problemas financeiros tendem a ficar calados, como forma de não demonstrar fraqueza e não serem julgados como “fracassados” aos olhos dos outros.

Na nona pergunta, buscamos compreender algo sobre a imagem que os sujeitos vêm fazendo deles mesmos. Indagou-se: **“E que coisas tu ficas pensando sobre si mesmo (a)?”**. Os sujeitos E1 e E2, disseram que não sabiam o que responder sobre si mesmos. Com o intuito de proporcionar aos entrevistados um melhor entendimento, tentou-se repetir a questão, mas assim mesmo não se obteve resposta. Já os sujeitos E3, E4, E5 e E6, não tiveram dificuldades em responder e falarem sobre si mesmos, como se observa nos relatos abaixo:

*“Eu me acho uma pessoa fraca, porque eu permito que as pessoas fiquem me devendo, se eu fosse mais persuasiva ou se eu cobrasse mais, talvez as pessoas não me devessem tanto assim, eu não adquirisse tanta dívida né... Eu me culpo bastante por facilitar o lado dos outros, porque ninguém facilita pra ti, mas tu se vê na obrigação de facilitar para os outros. Eu me irrita comigo mesma por causa disso!” (E3)*

*“[...] queria mudar a minha vida, [...] tô cansada de viver aquilo contadinho, sabe...” (E4)*

*“Penso... ‘O que eu faria com o dinheiro que eu teria ganhado? Será que eu seria mais feliz?’. Talvez eu poderia ter feitos coisas que eu queria, por exemplo, viajar, passear, comprar uma moto, coisas assim... Eu sei que o dinheiro me ajudaria a obter coisas que me proporcionariam felicidade, como morar numa casa própria, num apartamento talvez...” (E5)*

*“Ah... eu queria ser mais controlada assim... ter mais ambição em coisas mais concretas. Isso me frustra um pouco assim, sabe... [...] Eu gostaria de ir na conta assim e ter um dinheiro guardado, pra faculdade da minha filha e ser uma coisa mais tranquila sabe, e não ter que ficar pensando ‘ah, será que mês que vem vai dar pra pagar? Mês que vem eu vou ter, eu vou conseguir?’ Eu gostaria de ter esse controle e não gastar tanto assim, conseguir poupar dinheiro né. Até porque vai chegar uma hora que eu não vou mais trabalhar, não vou ter mais pique e pode acontecer qualquer outra coisa.” (E6)*

Os depoimentos denunciam o sofrimento de nossos participantes. Eles dão-se conta de que a vida poderia ser diferente. E não parecem trazer nas entrelinhas esperança de que isto mude – o que é bastante preocupante. Eles sentem-se desvalorizados, culpados por seus comportamentos. Ainda, o fato de alguns sujeitos não conseguirem responder à pergunta, mostra a dificuldade que possuem em falar sobre si mesmos, visto como um mecanismo defensivo para evitar a ansiedade que este assunto pode lhes causar. Este sofrimento precisa ser orientado, e cabe à psicologia desenvolver ferramentas e ações para ampliar seus fazeres com estas pessoas.

A décima questão investigou: **“Mais pessoas na tua casa/família, já tiveram problemas com dívidas?”**.

Nota-se que a maioria dos sujeitos possui pelo menos um familiar direto em situações de endividamento, ou que já tiveram problemas com dívidas. Apenas o sujeito E5 refere que seus

familiares nunca tiveram dificuldades financeiras em grandes proporções, tal como foi a sua. Estes dados reforçam a importância da educação financeira no sistema familiar, visto que orienta as pessoas na tomada de decisões e na administração dos seus rendimentos e, em consequência disto, diminui os riscos de endividamento além de contribuir numa melhor qualidade de vida não só para si, mas para a família.

Buscou-se saber também, na décima primeira questão, se: **“Já houve outros momentos de tua vida em que estiveste endividado?”**.

De acordo com os dados coletados, a maioria dos entrevistados destacou que em outros momentos não estiveram endividados como atualmente. Apesar disto, pode-se acreditar que a dívida atual tenha um impacto maior, e com isso acabam por acreditar que as anteriores possam não ter sido tão significativas. Apenas o entrevistado E4 afirma que já esteve mais endividado, quando em outro momento de vida ficou muito tempo sem trabalho.

A décima segunda questão foca nos fatores que resultaram em dívidas, através das pergunta **“A maioria das dívidas que tens, foi resultado do quê?”**.

Dentre as respostas obtidas, o uso de cartões de crédito, os empréstimos, a ilusão no ato da compra, a falta de planeamento e o descontrole orçamentário foram principais aspectos levantados como resultantes de suas dívidas, pela maioria dos entrevistados. Vale citar algumas falas:

*“É de cartão de crédito e financeira só, não tem com outras coisas, e claro, tem algumas coisa particular...” (E1)*

*“De gastar mais do que eu ganho. Se eu ganho R\$ 600,00 eu gastava R\$ 1.800,00. [...] Às vezes eu falo “ai que bom, mês que vem é a última prestação da Renner!”. Eu vou pagar a última mas já saio com um novo carnê de mais 5 prestações. Isso é fato!” (E6)*

Uma realidade irrefutável do mundo atual é a utilização de meios alternativos ao dinheiro na hora de pagar as compras, como o cartão de crédito, por exemplo. Conforme explica Michaan (2012), a demasiada utilização do cartão de crédito pode torná-lo um inimigo; com o cartão de crédito não é necessário que o sujeito desembolse dinheiro – aquele dinheiro que ele não tem no ato da compra. Assim, o cartão de crédito dá a falsa impressão de que não se está a gastar. O uso do cartão de crédito favorece na produção de um pequeno delírio que dribla os limites e dá aos indivíduos a ilusão de serem mais financeiramente potentes do que realmente são, considerando também que isto é reflexo do descontrole financeiro que consequentemente acarretará em gastos mais elevados que os ganhos, e posteriormente, em dívidas significativas.

Na décima terceira questão, foi levantado: **“Qual o significado das compras que foi fazendo em tua vida?”**.

Assim como na nona questão, os sujeitos E1 e E2 demonstraram resistência em falar num nível mais abstrato, restringindo-se apenas a situações concretas como, por exemplo, os gastos básicos no mercado e com os compromissos da casa. O sujeito E1 apenas reforça que suas dívidas não surgiram através de compras supérfluas.

O sujeito E3 sustenta que compra apenas o essencial, busca melhores preços e faz pesquisas antes de adquirir um produto. Refere que o fato de poder pagar à vista seria uma condição significativa para si:

*“[...] ter a liberdade de tu ir, pegar o teu dinheiro e comprar e não dever nada... [...] Muitas vezes não ter dinheiro, tu fica como tá numa prisão, tu não consegues fazer nada, não consegues comprar nada.” (E3)*

O sujeito E4 ressalta que as compras lhe proporcionam bem estar, por conseguir investir em algo que será útil para si e para a família. Em relação ao sujeito E5, este refere que não tem feito compras frequentemente, mas enfatiza que se não tivesse perdido o montante investido na bolsa, e ao contrário se tivesse tido bons rendimentos, a compra dos bens que planejava adquirir lhe significariam autonomia, felicidade, independência financeira e emocional. O entrevistado E6 comenta:

*“[...] Teve uma época que eu não podia ter e agora eu trabalho, eu quero ter. [...] Acho que eu não quero passar vontade. [...] eu não penso que eu vou morrer hoje, mas também eu não sei se eu vou viver 10 anos. Então às vezes ficar guardando, guardando, e eu morro ali e não tive o prazer... eu trabalho então quero ter as coisas, eu trabalho pra isso, pra obter coisas né.” (E6)*

Conforme a perspicaz afirmação de Erich Fromm, “a felicidade do homem moderno consiste na emoção de olhar vitrines e comprar tudo o que lhe é possível, a vista ou a prazo” (FROMM, 2000, p.3). De acordo com os conteúdos obtidos nas respostas dos entrevistados, percebe-se que muitos deles acreditam que o bem-estar efêmero decorrente da fruição de bens de consumo é a condição autêntica da independência, do prazer, da liberdade, da felicidade. Complementando esta ideia, Bauman (2008) considera que o sistema capitalista propaga o ideário de que ser “livre” é seguir os parâmetros estabelecidos pela sociedade de consumo, portanto, deixa de ser uma postura livre e os sujeitos ficam “presos” por uma liberdade movida pelo consumo de objetos que ilusoriamente saciam a vontade e preenchem o vazio interior. Tal aspecto fica evidente na fala dos sujeitos quando comentam que não querem guardar, querem



comprar hoje, porque não se sabe o dia de amanhã. Estes aspectos evidenciam a premência do hoje, a dificuldade de lidar com as frustrações, com o que não se pode, e expressam aspectos da subjetividade contemporânea: individualismo, prazer imediato e dificuldade de planejar um futuro.

Ao serem questionados: **“Como te sentes geralmente antes de comprar algo que desejas?”** os sujeitos E1 e E2 mencionam que ficam expectantes antes de adquirir um produto que desejam. Além disso, o sujeito E2 diz que fica a imaginar o produto como já sendo seu, depois de tê-lo adquirido. Os sujeitos E3 e E5 contam que ficam ansiosos antes da compra; sendo que o E3 refere que fica brava quando não consegue comprar o que esperava. Já o E5 reconhece que, muitas vezes a compra que faz é para suprir uma sensação de vazio que possui. O sujeito E4 conta que se sente inseguro, pois sabe que depois terá mais contas a pagar, porém ressalta não pensa muito antes de comprar, pois sabe que se o fizer, não compra nada por estar ciente de que terá dificuldades para quitar as contas. Esta característica também aparece no E6, que diz pensar antes de fazer novas aquisições, mas acaba comprando quando se depara com o produto que deseja.

Neste sentido, a neuroeconomia, área de estudo que usa as técnicas de neurociência para entender como as pessoas tomam suas decisões financeiras, explica que o problema é um duelo entre razão e emoção. Fonseca (2013) aponta que, enquanto a razão diz para poupar, para controlar, a emoção não pondera, pois na hora em que o sujeito está na frente do produto, os sentidos ativam a área da emoção, assim o cérebro envia mais sangue para esta área, o centro do cérebro, o sistema límbico a amígdala cortical, e a área da razão, córtex pré-frontal, fica menos irrigada.

Filomensky (2009) explana que antes de comprar algo, muitas pessoas experimentam uma forte ansiedade que só é aliviada quando fazem a compra, e geralmente este ato é imediatamente seguido por intenso sentimento de alívio (como pode ser visto na questão a seguir). Apesar da sensação de alívio após a aquisição, surge também a sensação de remorso e decepção diante da incapacidade de controlar o impulso, portanto, numa atitude compensatória, o mal-estar causado pela culpa leva a pessoa a comprar novamente, dando continuidade ao círculo vicioso.

Além de saber os sentimentos que precipitam a compra, buscou-se também investigar na décima quinta questão: **“Como te sentes depois da compra?”**.

Observa-se que o que mais chama atenção é o fato da maioria dos entrevistados sentirem-se satisfeitos e aliviados após a compra do que desejavam, como se pode ver nos casos dos sujeitos E1, E2, E3, E4 e E6. O sujeito E1 refere que se sente satisfeita e muito feliz, assim como o



sujeito E3, que além do contentamento e satisfação, sente-se vitoriosa por conseguir o que almejava. A participante E2 demonstra ficar aliviada após comprar o que deseja, pois isso também lhe representa estar com o “nome limpo”. O mesmo sentimento de alívio aparece nos sujeitos E4 e E6, porém dizem que ficam apreensivos por não saber se vão conseguir pagar as prestações. Já para o sujeito E5, a sensação de vazio parece ficar preenchida no momento da compra, mas depois de algum tempo, o mesmo vazio volta a aparecer juntamente com a vontade de comprar outras coisas.

Observa-se nestes sujeitos, que o ato de comprar produz estados fugazes de prazer e satisfação, mas atrelado a isso há também o despertar de inúmeras ansiedades decorrentes da conscientização de um orçamento desprovido, quando ficam apreensivos ao pensar como vão pagar. Conforme explicam Stacechen e Bento (2008), estes comportamentos são reflexos de uma época marcada pelo consumo exacerbado, que consolida um sistema econômico com ritmo cultuado e estabelecido para um consumismo que cria falsas necessidades e que alimentam o desejo das pessoas na busca pelo objeto de consumo. Desta forma, estes desejos alienados de consumo, uma vez “satisfeitos”, são rapidamente substituídos por outros através do ritmo incessante do consumismo.

As pessoas fantasiam que adquirir algum objeto trará satisfação e benefícios, independentemente de possuírem ou não dinheiro. Fatos como este acontecem em demasia na atualidade, pois há grande apelo ao consumo e os objetos são fabricados para tornarem-se obsoletos em poucos meses. Além disto, as propagandas prometem exatamente aquilo que os indivíduos sonham ter: serem aceitos, admirados, poderosos, mais belos, mais potentes, mais sedutores, como se o objeto agregado os tornasse mais valiosos (MICHAAN, 2012).

A décima sexta questão abordou as motivações que levaram os entrevistados a comprarem, através da pergunta: **“O que você acha que dispara o desejo de comprar?”**.

Pode-se perceber na questão trazida, que entre os aspectos que disparam o desejo de comprar está a ilusão, a compulsão e a ansiedade para três dos sujeitos entrevistados. Novamente, um sujeito mostrou-se resistente em falar, e afirma apenas que as compras que faz são somente as essenciais para manter-se. Outro entrevistado diz deixar-se levar pelas ofertas do comércio, como se vê na fala:

*“Às vezes eu passo numa loja e vejo um preço bom eu quero comprar, não importa se eu preciso ou não; se o preço tá bom eu quero comprar (risos).” (E3)*



O sujeito E5 comenta que sua maneira de comprar sempre foi controlada, porém relata que passou a adquirir gosto pelas operações, mas sente que vira um vício quando passa a sentir prazer concomitantemente ao medo:

*“[...] é viciante, é bom sentir medo, a sensação é ótima após o medo de entrar, conseguir sair da operação com lucro! Tipo... é bom sentir o medo de quando você inicia a operação e daí fica aquela variação de sobe e desce, oscilando... E quando você percebe que sobe, dá um alívio que produz uma sensação muito boa.” (E5)*

A partir dos conteúdos obtidos dos entrevistados, observa-se que mesmo os sujeitos percebendo que o endividamento é prejudicial, continuam a comprar ilusoriamente na tentativa de aliviar a ansiedade. No entanto, não conseguem aplacar o sentimento e voltam a ter comportamentos compulsivos, que trazem cada vez mais sofrimento. Nesse sentido, a satisfação dos infinitos desejos só permanecerá enquanto o desejo continuar irrealizado e também enquanto houver uma suspeita de que os desejos não foram plenamente satisfeitos (BAUMAN, 2008). Isto ocorre também imperceptivelmente aos apostadores da bolsa, como uma forma de preencher um vazio latente.

Ferreira (2008) refere que há situações em que os investidores sofrem de uma depressão leve, e as atividades realizadas na hora de operar, trazem um alívio imediato para esse desconforto, pois esta atividade estimula a produção de dopamina, substância envolvida nas respostas do corpo ao prazer, onde o indivíduo fica dependente de uma substância produzida internamente, semelhante aos casos de pessoas viciadas em jogos, por exemplo.

Como já vimos, muitos investidores não possuem experiência e conhecimento técnico para operar as ações. Contudo, os consumidores de modo geral, também se encontram desprovidos de informações, pressionados pela urgência aliada às promoções e “inundados” pela propaganda, com isso acabam lançando mão de crédito fácil, para apropriar-se de bens que trazem consigo os prazeres emocionais e o status social, e com isso tornam-se indefesos diante de um sistema complexo que os envolve na hora de adquirir produtos e serviços (SLOMP, 2008).

A décima sétima questão da entrevista visava saber como os entrevistados tem se organizado com as dívidas, a partir da pergunta **“Como tu tens tentado organizar-te com as dívidas?”**.

De acordo com as respostas obtidas, o sujeito E1 prioriza os pagamentos dos gastos básicos da casa além de fazer depósitos no banco para ir abatendo a dívida que possui. Já os sujeitos E2 e E3 dizem que não estão conseguindo organizar-se.

*“[...] tô tentando, mas cada vez me endividado mais, sabe...” (E3)*

O sujeito E4 aponta que, apesar das dificuldades, tem tentado organizar-se com as questões financeiras, pensando previamente nas reais necessidades em adquirir determinados produtos, pois reconhece que muitas vezes acaba por comprar compulsivamente mesmo sem ter necessidade. Também refere que suas tentativas de controlar os gastos tem gerado alguns conflitos com a mãe, que “compra tudo o que vê”. O sujeito E5 relata que possui um valor fixo para pagar mensalmente o que deve ao banco, e tem feito o corte de gastos menos necessários.

Considerando que as dívidas fazem parte da vida de grande parte dos brasileiros, é válido ressaltar que tentativas irracionais e desesperadas para acabar com a dívida podem agravar a situação. Por falta de educação e orientação financeira, muitas pessoas se perdem, desorganizam-se financeiramente e acabam não tendo condições de quitar as dívidas, o que as leva, muitas vezes, a cometer erros mais graves (DOMINGOS, 2013). Isto fica evidente nos relatos da maioria dos sujeitos entrevistados, que demonstram explicitamente as dificuldades que possuem em organizar o orçamento e de lidar com as dívidas.

Na décima oitava questão, buscou-se também saber se os entrevistados tem conseguido organizar-se da forma como citaram na questão anterior. Foi questionado **“E desta forma tu tens conseguido organizar tuas dívidas?”**.

Tendo como base os dados coletados na questão anterior, os entrevistados relatam o que segue: o sujeito E1 refere que só não consegue completamente por não possuir dinheiro suficiente; do contrário, conseguiria organizar-se melhor, pois não tem gastado com coisas supérfluas. O sujeito E2 e E3 referem que não tem conseguido pela falta de dinheiro, e por isso dirigiram-se ao serviço do Balcão do Consumidor para tentar outras soluções para suas dívidas. Já os sujeitos E4 e E5, tem conseguido organizar suas finanças, mesmo com algumas dificuldades. O sujeito E6 comenta que tem conseguido organizar-se em partes; vale citar a fala:

*“Mas eu caí no erro de pensar “ah... tal dia eu vou conseguir suprir com o décimo”(décimo terceiro salário), mas mesmo assim tô conseguindo, tô conseguindo...”*  
(E6)

Em síntese, nesta questão, percebe-se que alguns entrevistados conseguem fazer remanejamentos no orçamento na tentativa de organizar este aspecto, porém nem sempre são bem sucedidos, como nos casos dos sujeitos que dizem não encontrar saídas para solucionar os problemas financeiros, e deste modo, acabam buscando alternativas que os fazem contrair ainda mais dívidas.

Na sequência, ainda indagamos os participantes sobre **“Há algum controle de gastos na tua casa?”**.

Percebe-se que cinco, dos seis entrevistados, referem que há algum controle de gastos em suas casas. O sujeito E1 aponta que o controle parte de toda a família, pois todos possuem consciência com as questões de economia de água, energia elétrica, entre outros. Da mesma forma o entrevistado E2 relata que tem controlado os gastos da casa e também com os filhos, pois estes pedem coisas que não estão ao seu alcance. Apesar disto, sempre procura explicar aos filhos sobre as dificuldades financeiras que estão vivenciando, e que no momento precisam dar prioridade às compras de necessidades básicas; método adotado também pelo sujeito E4.

O sujeito E3 menciona que não havia controle, mas agora está conseguindo fazer um planejamento, afinal suas dívidas são superiores ao salário que recebe, o que a deixa triste. O E5 diz que apesar de não ser completo e planejado, há controle nos gastos, mas reconhece que ainda poderia melhorar. Já o sujeito E6 declara que não há controle e acredita que este seja um contributo para a continuidade de suas dívidas.

Apesar da maioria dos sujeitos relatarem que possuem controle financeiro, permite-se inferir que este manejo pode estar ocorrendo de forma inadequada, pois simultaneamente alguns entrevistados mencionam que não conseguem organizar-se na esfera econômica, e diante disto, continuam comprometidos com as dificuldades financeiras.

A vigésima questão envolve os significados que o dinheiro tem para as pessoas entrevistadas, a partir da seguinte pergunta: **“Qual tua relação com o dinheiro, o que o dinheiro é para ti?”**.

Para os sujeitos E1, E2 e E5, tudo gira em torno do dinheiro, e asseguram que é um meio indispensável para sobreviver. Vale citar as falas:

*“[...] mas o dinheiro é... é isso aí que nós precisamos no dia-a-dia, pagar nossas dívidas e se manter, e comer, andar, tudo né! Tudo depende de dinheiro.” (E1)*

*“O significado é assim, que se tu não tem, tu não consegue comprar um alimento, não consegue uma roupa, um calçado, não consegue comprar um sorvete pros teus filhos [...]” (E2)*

*“Digamos assim que eu vejo pela nossa sociedade assim, [...] se não é alguém de ter e não do ser... [...] e claro que eu me sinto irritada, porque se eu tenho dinheiro na minha mão tá tudo bem, mas se eu não tenho eu fico irritada [...]” (E4)*

*“[...] tudo é a base do dinheiro, para morar, para comer, para comprar remédios, para estudar, para tudo. Então o dinheiro vale muito para mim.” (E5)*

*“Segurança... Bem-estar... Felicidade assim de poder ter as coisas. [...] Então me dá prazer trabalhar e ter dinheiro pra eu poder comprá as coisa.” (E6)*

Observa-se que o que chama mais atenção é que a maioria dos entrevistados vê o dinheiro como “a base de tudo”, e como fonte de bem-estar, felicidade e estabilidade. Diante destes fatos, Russo (2002) enfatiza que o dinheiro está por toda a parte, e que os seres humanos, enquanto seres culturais, contaminam o dinheiro com seus sentimentos e o transformam num objeto animado e, passam a amá-lo, odiá-lo, desejá-lo e dando-lhe significados que ultrapassam a mera presença material, transformando-o num símbolo da atualidade. O dinheiro na sociedade moderna é considerado um centro ao redor do qual a vida se constitui, pois tudo gira ao seu redor e é entendido como mais importante do que o próprio ser humano, sendo o ponto de partida e o objetivo de vida em sociedade.

Como diria Simmel (1998), o dinheiro pode ser considerado o deus do nosso tempo, por proporcionar sentimentos de segurança, tranquilidade, paz, felicidade; porém o dinheiro não é apenas deus, mas simultaneamente é também o demônio do nosso tempo, pois por conta dele, muitos valores morais são deixados de lado e os relacionamentos e interações interpessoais tornam-se demasiadamente diluídos.

Para finalizar a entrevista, utilizou-se a pergunta aberta, na vigésima primeira questão. Foi perguntado a cada um dos entrevistados se tinham mais coisas a contar ou comentar, porém a maioria dos participantes não respondeu a esta pergunta, justificando que já tinham comentado tudo o que estava relacionado à sua vida financeira e suas dívidas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa se propôs a buscar compreender o fenômeno do endividamento nos dias atuais à luz das contribuições da Psicologia Econômica. O objetivo central desse estudo tratou de examinar os fatores psicológicos implicados no endividamento, bem como os desencadeantes para a aquisição de novas dívidas.



Nesse constructo, através das entrevistas foram trazidas informações que foram úteis para a compreensão das implicações psíquicas do endividamento. Cabe ressaltar que as entrevistas, além de fornecerem dados essenciais para a compreensão do estudo, serviram, ainda, para extravasamento de problemas emocionais.

A pesquisa identificou que o apelo contemporâneo ao consumo exacerbado é um dos aspectos que levam ao endividamento, e revelou que a facilidade de acesso ao cartão de crédito pode ser nocivo ao próprio indivíduo, potencializando o consumo desenfreado, inclusive de bens supérfluos. Cabe destacar também, que as facilidades de empréstimos contribuem para o endividamento. O uso do cartão de crédito aparece no mercado com uma consigna eloquente e sedutora de eliminar a espera para concretizar os desejos. Diante da não realização dos desejos, os sujeitos sentem-se fracassados e se tornam mais vulneráveis a problemas psicológicos e mais propensos a aderirem novas dívidas, como forma compensatória, levando-os a um círculo vicioso.

Observou-se também, que as dívidas ou as dificuldades financeiras tem abalado significativamente a estrutura familiar, de modo a gerar crises nos relacionamentos. Além disto, percebem-se neste estudo que os problemas econômicos potencializam dificuldades emocionais, afinal no contexto pós-moderno, o indivíduo tornou-se frágil, indeciso e inseguro mediante a velocidade das mudanças e das escolhas que precisa fazer.

Diante disto, o consumo desenfreado também poderia ser uma resposta ao apelo por visibilidade, tão presente no contemporâneo. Como se pode perceber no decorrer das análises realizadas, o consumo excessivo está intimamente relacionado a uma multiplicidade de representações cotidianas nas quais os significados incorporados aos produtos concedem um valor simbólico ao consumidor. Frente a este cenário de significação, nota-se que os objetos assumem características emocionais visando suprir um vazio contínuo do indivíduo, o que leva a consumir cada vez mais, pois a obsolescência rápida dos objetos induz os sujeitos a buscarem ilusoriamente novos objetos para “satisfazerem-se” e preencherem suas faltas.

Contudo, é válido explicar que algumas limitações cercaram o desenvolvimento deste trabalho. Por se tratarem de questões ligadas à vida financeira individual, alguns entrevistados podem ter se sentido desconfortáveis, e talvez não tenham expressado à pesquisadora tudo o que sentem e pensam sobre seu comportamento financeiro.

Por fim, nota-se que os impactos psíquicos negativos são apenas algumas das consequências desta crise na relação homem e economia. Dentre as diversas questões percebidas envolvendo a relação homem e economia, a Psicologia também é convocada a direcionar



esforços e contribuir, uma vez que é a ciência que tem como objeto de estudo o comportamento humano, vindo assim a fortalecer uma atuação interdisciplinar, considerando que, a união de conhecimentos técnicos com os psicológicos, pode possibilitar uma atuação mais efetiva em projetos que objetivem a mudança no comportamento econômico.

Espera-se ter trazido, através deste estudo, alguma contribuição para o entendimento do comportamento dos endividados e que auxiliem na compreensão dos impactos psíquicos exercidos nos sujeitos. Este estudo, longe de querer generalizar os resultados, buscou compreender o sofrimento psíquico dos sujeitos que se deparam com o endividamento, pois se acredita que ele é diverso, entretanto, não menos importante, para sujeitos de diferentes culturas e posições sociais.

É pertinente supor que, para muitos, a situação de vulnerabilidade esteja mais presente e demande mais a mobilização de redes de apoio social. Deste modo, a intervenção psicológica pode fornecer um importante contributo para o enfrentamento deste problema, criando alternativas efetivas na prestação de cuidados de saúde coletiva.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCIOTTE, M. Aprenda a colocar dívidas para escanteio. São Paulo: *RH Central*, 2013. Disponível em: <[http://www.rhcentral.com.br/pen/pen.asp?cod\\_materia=1877](http://www.rhcentral.com.br/pen/pen.asp?cod_materia=1877)>. Acesso em: 10 nov. 2013.

BARRACHO, C. *Lições de psicologia econômica*. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BASTOS, L. H. de L. Endividamento desagrega o lar. Maringá: *O Diário*; 21 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.odiario.com/saude/noticia/472072/endividamento-desagrega-o-lar/>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

BAUMAN, Z. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *Vida a crédito: conversas com Citlali Rovirosa-Madrado*. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010b.

BELO, F. R. R.; MARZAGÃO, L. R. Avareza e perdularismo. *Psiquê*, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 109-128, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v10n19/v10n19a08.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

BIDERMAN, I. Dinheiro no divã. São Paulo: *Folha de São Paulo*; jun. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/48155-dinheiro-no-diva.shtml>>. Acesso em: 15 set. 2013.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13. ed. rev. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOLSA DE VALORES DO ESTADO DE SÃO PAULO. *O que a bolsa faz*. [S. l.], 2013. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/intros/intro-sobre-a-bolsa.aspx?idioma=pt-br>>. Acesso em: 30 out. 2013.

CAPRILES, A. *Dinheiro: sanidade ou loucura*. São Paulo: Axis Mundi, 2005.

CARPENA, H.; CAVALLAZZI, R. L. Superendividamento: proposta para um estudo empírico e perspectiva de regulação. In: MARQUES, C. L.; CAVALLAZZI, R. L. (Coord). *Direitos do consumidor endividado: superendividamento e crédito*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006, p. 310-344.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO (CNC). *Pesquisa nacional de endividamento e inadimplência do consumidor (Peic)*. Brasília, 2013. Disponível em:



<[http://www.cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/release\\_peic\\_agosto\\_2013.pdf](http://www.cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/release_peic_agosto_2013.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2013.

CUNHA, Jurema Alcides e cols. *Psicodiagnóstico-R*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

DOMINGOS, R. Como organizar suas dívidas? São Paulo: *DSOP Educação Financeira*; maio 2013. Disponível em: <<http://www.dsop.com.br/blog/como-organizar-suas-dividas>>. Acesso em: 30 out. 2013.

FERREIRA, R. *Como planejar, organizar e controlar seu dinheiro*. São Paulo: Thomson IOB, 2006.

FERREIRA, V. R. de M. Informações econômicas e ilusão: uma contribuição psicanalítica ao estudo de fenômenos econômicos. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 107-126, jan./jun. 2007a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v10n1/a07v10n1.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2013.

\_\_\_\_\_. *Psicologia econômica: origens, modelos e propostas*. 2007b. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://www.sapiencia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3803](http://www.sapiencia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3803)>. Acesso em: 08 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. *Psicologia econômica: estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

\_\_\_\_\_. *Psicologia econômica: um campo em expansão*. CRPSP: *Jornal Psi*, São Paulo, n. 165, mai/jun, 2010. Entrevista concedida a *Jornal Psi*. Disponível em: <[www.crp.org.br/portal/comunicacao/jornal\\_crp/165/frames/fr\\_conversando\\_psicologo.aspx](http://www.crp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/165/frames/fr_conversando_psicologo.aspx)> Acesso em 24 abr. 2013.

FILOMENSKI, Consumo, logo existo! [S. l.] *Uol Mente e Cérebro*; dez. 2009. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/consumo\\_logo\\_existo.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/consumo_logo_existo.html)>. Acesso em: 30 out. 2013.

FONSECA, P. *Economia psicológica*. Disponível em: <<http://www.economiapsicologica.com.br>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

FONTES, M. A. Psicologia do trader: entrevista. [data desconhecida]. São Paulo: *ADVFN Brasil*. Entrevista concedida a ADVFN. Disponível em: <<http://br.advfn.com/educacional/psicologia-do-trader/entrevista>>. Acesso em: 9 nov. 2013.

FORBES, J. *Da palavra ao gesto do analista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FREUD, S. Caráter e Erotismo Anal. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. IX. (Ed. Standard Brasileira-ESB). (Artigo original publicado em 1908).

\_\_\_\_\_. As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVII. (Ed. Standard Brasileira-ESB). (Artigo original publicado em 1917).

FROMM, E. *A revolução da esperança: por uma tecnologia humanizada*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.



\_\_\_\_\_. *A Arte de Amar*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HENNIGEN, I. Superendividamento dos consumidores: uma abordagem a partir da psicologia social. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 10, n. 4, p. 1173-1201, dez. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v10n4/06.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

HENNIGEN, I.; GHELEN, G. Com a vida no vermelho: psicologia e superendividamento do consumidor. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 7, n. 2, p. 290-298, jul/dez 2012. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/Volume7\\_n2/Hennigen,\\_Ines\\_%26\\_Gehlen,\\_Gabriela.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/Volume7_n2/Hennigen,_Ines_%26_Gehlen,_Gabriela.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2013.

HOFMANN, R.; PELAEZ, V. A psicologia econômica como resposta ao individualismo metodológico. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 31, n. 2 (122), p. 262-282, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v31n2/06.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER S. L. *Pai rico, pai pobre*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'água, 1989.

LORENSI, M. et al. Principais fatores causadores da inadimplência. In: II Seminário de Iniciação Científica Curso de Ciências Contábeis da FSG, n. 1, 2011, Caxias do Sul. *Anais eletrônicos...* Caxias do Sul: FSG, 2011. p. 1-6. Disponível em: <<http://ojs.fsg.br/index.php/anaiscontabeis/article/viewFile/558/451>>. Acesso em: 28 out. 2013.

MASSARO, A. *Você e o dinheiro: erros financeiros que os casais cometem*. Disponível em: <<http://www.andremassaro.com.br/2013/11/13/erros-financeiros-que-os-casais-cometem/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

MEIRELLES, V. *Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro na vida adulta*. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.valeriamirelles.psc.br/tese\\_valeria.pdf](http://www.valeriamirelles.psc.br/tese_valeria.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2012.

MICHAAN, L. Dívidas e mais dívidas: Compulsão por compras. São Paulo: *Um espaço para pensar*; jul. 2012. Disponível em: <<http://leamichaan.wordpress.com/category/dividas/>>. Acesso em 01 nov. 2013.

MULLER, K. de O. *Sociedade de consumo e cultura do endividamento: estudo de caso sobre os consumidores compulsivos em Porto Alegre, RS*. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29088/000774874.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2013.

PRADO, M. F. *A influência de fatores psicológicos e comportamentais no risco de crédito: uma abordagem à luz da psicologia e econômica*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/2945/1/Influ%C3%AanciaFatoresPsicol%C3%B3gicos.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2013.



RAMOS, A. M. O que a psicologia tem a ver com finanças e endividamento? Porto Alegre: *Anissis Moura Ramos*; jan. 2011. Disponível em <<http://anissis.blogspot.com.br/2011/01/o-que-psicologia-tem-ver-com-financas-e.html>>. Acesso em: 28 out. 2013.

\_\_\_\_\_. A dificuldade de assumir que está endividado. Porto Alegre: *Anissis Moura Ramos*; jul. 2012. Disponível em <<http://anissis.blogspot.com.br/2012/07/dificuldade-de-assumir-que-esta.html>>. Acesso em: 28 out. 2013.

RASSIER, L. H. *Conquiste sua liberdade financeira: organize suas finanças e faça o seu dinheiro trabalhar para você*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

RIOS, S.; SOUZA, W. C. C. de. *Endividamento pessoal: uma análise dos fatores emocionais que influenciam no nível de endividamento dos estudantes universitários no município de Lauro de Freitas-BA*. Monografia (Graduação em Administração) – União Metropolitana de Educação e Cultura, Lauro de Freitas, 2010. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/artigos12/61416762.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

RUSSO, G. H. A. *O amor e a modernidade: um passeio pela sociedade*. Terceira Margem: São Paulo, 2002.

SAMARA, B. S.; MORSCH, M. A. *Comportamento do consumidor: conceitos e casos*. São Paulo: Pearson, 2005.

SIMMEL, G. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, J.; OËLZE (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UnB, 1998.

SLOMP, J. Z. F. *Endividamento e consumo*. [artigo científico]. Disponível em: <[http://procon.caxias.rs.gov.br/site/\\_uploads/publicacoes/publicacao\\_4.pdf](http://procon.caxias.rs.gov.br/site/_uploads/publicacoes/publicacao_4.pdf)> Acesso em: 14 maio 2013.

SOLOMON, M. R. *O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo*. Porto Alegre: Bookman, 2002.

STACECHEN, L. F.; BENTO, V. E. S. Consumo excessivo e adicção na pós-modernidade: uma interpretação psicanalítica. *Fractal Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 421-436, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n2/09.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

TOLOTTI, M. Dinheiro, consumo e estilo. *Seu Estilo - Banco do Brasil*, Brasil, p. 3, ano 1, n. 7, p. 1-10, nov. 2007a.

\_\_\_\_\_. *As armadilhas do consumo: acabe com o endividamento*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007b.

TRINDADE, L. de L. *Determinantes da propensão ao endividamento: um estudo nas mulheres da Mesorregião centro ocidental rio-grandense*. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009. Disponível em: <[http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2894](http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2894)>. Acesso em: 20 maio 2013.



TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciência sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas 1987.

VAN RAAIJ, W. F. The psychological foundation of economics: the history of consumer theory. In: TAN, C.T.; SHETH, J. N. *Historical perspective in consumer research: national and international perspectives*. Singapore: National University of Singapore, 1985.

ZERRENNER, S. A. *Estudo sobre as razões para a população de baixa renda*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Administrativas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-13112007-120236/pt-br.php>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

